

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO NEGRO

Eder Jordan Paz Matias¹, Larissa Oliveira e Gabarra²

Resumo: O curso de introdução aos estudos do negro tem como objetivo desconstruir os estigmas e estereótipos existentes sobre a história do negro, uma vez que muitos jovens não conhecem a importância do negro na construção da nação brasileira. É de suma importância a execução desse curso, tendo em vista o déficit existente nas instituições de ensino sobre o estudo do negro. Em muitas instituições de ensino a história do negro é pouco trabalhada e quando o tema é tratado em sala de aula é feito com os estigmas e estereótipos. O conhecimento da história do negro proporciona aos jovens ferramentas para o combate ao racismo e além disso passam a reconhecer suas matrizes africanas. Percebe-se a necessidade de desconstruir a visão eurocêntrica que há sobre o estudo da história no ensino médio, mostrando como cientistas conhecidos tiveram e até hoje tem um papel importante na construção dessa visão racista, estereotipada e estigmatizada da história e cultura do negro. Dessa forma o conhecimento das lutas de resistência do negro é importante para que os jovens entendam que ainda hoje o racismo se mantém estruturado em nossa sociedade e perceber que a invisibilidade feita dessa história é uma das formas de manter uma sociedade desigual e racista.

Palavras-chave: Negro. Estereótipo. Estigma. História.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, bolsista PIBEAC do projeto Histórias e Culturas do Negro, discente BHU.

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, professora adjunta, Coordenadora do Programa Áfricas do Joá e do projeto Histórias e Culturas do Negro. E-mail: larissa.gabarra@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O projeto Histórias e Culturas do Negro é de grande importância para perceber a necessidade de desvincular os estereótipos dos negros e negras brasileiros e também do continente africano. Esses estereótipos foram construídos ao longo da história inferiorizando as populações que não europeias como inferiores e não civilizadas. Tendo em vista que ainda hoje há uma enorme distorção sobre ensino da história do negro nas instituições de ensino no Brasil é necessário que haja ações diretas sobre o tema do racismo nas escolas. A partir da abordagem das lutas do negro o curso proporciona aos participantes o entendimento do que é realmente ser negro.

As atividades do curso Introdução aos Estudos do Negro têm também como objetivo fazer uma introdução de como foi construída essa subjogação da história africana em relação aos estudos desenvolvidos por intelectuais como Hegel, que acredita que a África não tinha história por não ter Estado, nem escrita (OLIVEIRA, 2006, p.31). Inverdades que são repetidas indiscriminadamente pelo senso comum. O desenvolvimento da ciência no fim do século XVIII e século XIX na Europa criaram uma barreira que descrevia aquilo que não era europeu como inferior. Acreditavam que a diferença cultural dos povos africanos fossem um atraso, justificando assim os feitos civilizatórios.

“A população, majoritariamente descendente de africanos, é incapaz de reconhecer uma de suas matrizes formadoras a não ser através de estereótipos – um continente exótico, primitivo, miserável, ignorante, violento – os três Ts (Tarzan, tribo e tambor), como ensina o professor Maria Nunes Pereira, do CEAA-Centro de Estudos Afro-asiáticos” (PEREIRA, 2012, p.19).

Assim, o curso Introdução aos estudos do Negro pretende trazer para os alunos uma explicação para a falta de conhecimento que eles têm sobre suas próprias raízes. Portanto, esse curso funciona como um momento prévio aos outros cinco encontros em que serão tratadas temáticas específicas sobre regiões e povos do continente, como também produção literária e cultura desses povos em África e no Brasil.

METODOLOGIA

A partir do curso de Introdução aos estudos do Negro, mostrar que há e como foi construído e fundamentado o preconceito com o negro e o silêncio sobre o seu agenciamento na história. Foi elaborado durante as formações do eixo “Cá entre nós” do programa Áfricas do Joá, planos de curso para cada um dos encontros do projeto Histórias e Culturas do Negro. Assim, nesse primeiro curso introdutório, seguindo a metodologia proposta pela professora Azoilda Trindade Loretto, começamos perguntando o que os alunos conhecem e sentem quando falamos do continente africano. A proposta desse exercício é identificar qual a ideia que eles têm de antemão sobre o continente (LORETTO, 2005).

Em outro momento, são utilizadas as músicas: “A carne” composta por Seu Jorge e cantada na voz de Elza Soares e “Negro Drama” do grupo Racionais MC’s. Essas músicas são usadas para que os jovens sintam e interpretem o que as músicas querem passar, pois fazem uma crítica social e denunciam todos aqueles que estruturam a sociedade desigual, vinculada ao racismo. Dessa forma, a intenção de continuar subjugando e ignorando a importância que o povo negro tem na construção da nação brasileira é recorrente até os dias atuais.

Após a análise da música começamos a dar explicação sobre a ciência no século XIX foi estruturante para a construção do racismo e da manutenção de estereótipos sobre o continente africano por meio de obras, tais como: “Seminários de Filosofia da História” de Hegel (1883) e “A desigualdade entre as raças humanas” de Gouibineau (1855). A partir das independências africanas houve um movimento historiográfico que desconstruiu esses estereótipos, mostrando que a história do continente africano é extremamente rica e cheia de curiosidades. Segundo Amauri Mendes Pereira “A história da África é parte indiscutível da história do mundo” (PEREIRA, 2012, p.17).

Depois, utilizamos o prefácio do livro “O menino Fula” de Amadou Hampâté Bâ para mostrar que a história oral africana deve sim ser valorizada e respeitada, porque essa história muito importante para a manutenção da riqueza histórica e cultural da humanidade.

Desse modo, o debate e a vivência das Histórias e Culturas do Negro são os principais métodos usados na execução dos cursos para que possamos possibilitar a desconstrução dos preconceitos e estigmas sobre as histórias e culturas africanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O plano de trabalho levou os alunos conhecerem um pouco mais sobre a história do negro e perceberem que de fato há um silenciamento da história desse povo como sujeitos, seja do negro africano, brasileiro ou de qualquer lugar da diáspora. Com o curso Introdução aos Estudos do Negro, percebe-se a inquietação dos jovens quando entendem que há realmente uma sociedade estruturada e mantida socialmente desigual com base no racismo, a partir disso passam a perguntar como poderíamos conseguir uma reviravolta desse quadro tão preocupante. Percebem que é necessário a valorização e o conhecimento das lutas do povo Negro como um movimento contra hegemônico. Percebe-se que muitos dos jovens que participaram do curso passam a se reconhecer de fato como negro, identificando suas raízes africanas.

Os alunos do curso puderam entender como as culturas e as histórias do negro são ricas e fazem parte da formação da identidade nacional. Os alunos conseguiram identificar como o preconceito racial influencia fortemente o estudo da História na escola e, assim, ganharam instrumentos para combater a marginalização que sofrem ou que veem sofrer o negro.

Foram pertinentes discussões sobre como ainda hoje existe uma sociedade racista, muitas vezes os jovens relatam casos de racismos nas redes sociais. Nas falas dos jovens fica perceptível o empoderamento que passam a ter por conhecerem a história de um povo que ajudou na criação de uma nação. Os jovens passam a fazer uma discussão sobre qual motivo das escolas públicas continuarem tratando tão pouco a história do continente africano e dos afrodescendentes no Brasil. Alguns jovens relatam que antes do curso não sabiam nem que África era um continente. Dessa forma, as discussões nos mostram que o curso proporciona o entendimento do quanto é importante estudar a história do Negro.

CONCLUSÕES

O curso nos permite concluir que de fato existem diversas escolas de ensino médio que colocam o ensino da história do negro em último plano. O esquecimento que se tem da história africana e do Negro em geral é alimentado também por professores que muitas vezes não dominam o conteúdo e quando tratam da história do Negro trazem-na com todos os estigmas e preconceitos sociais, acabando por restringir o estudo do Negro à escravidão.

Verificamos também que os jovens passam a ter um senso crítico maior sobre o lugar do Negro na sociedade, depois do nosso curso. Juntamente com os jovens conseguimos concluir que o conhecimento das histórias e culturas do negro é um importante instrumento de combate ao

racismo. Concluimos também que os jovens passam a ter uma ideia real sobre o continente africano. No término do curso, quando perguntamos novamente qual a primeira ideia que vem na cabeça deles quando falamos de África, percebemos que as falas não estão mais carregadas dos estigmas e preconceitos que antes haviam.

Quando vemos que jovens, que já estão terminado o ensino médio, sabem pouquíssimo ou nada sobre o continente africano, percebemos o quão é necessário a execução desse curso, tendo em vista que nele se dá o reconhecimento de si mesmos, como Negro e da importância de suas raízes africanas na formação da identidade nacional.

Portanto, concluimos que é de suma importância que os jovens possam conhecer a história do negro para que conheçam como é forte a presença do negro nos momentos históricos. Dessa forma os jovens poderão usar todo esse conhecimento e essa vivencia como forma de resistência contra essa marginalização que é feita do negro. Assim os jovens têm a possibilidade de perceber a necessidade de se proteger contra o racismo e assim luta contra a exclusão social, que cria guetos de segregação racial e social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Dr Larissa Oliveira e Gabarra e ao professor Dr Fabio Baqueiro Figueiredo. As escolas Liceu de Messejana, Liceu Domingos Brasileiro, Professor Milton Abreu Façanha e a Almir Pinto agradeço por acreditar em nosso projeto e disponibilizar o espaço para que os encontros fossem realizados. E agradeço também a Iara Conceição Mulato Monteiro.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Anderson José Machado. Histórias da África, Diáspora e Identidades Culturais no Brasil Escravista. In: **Revista do Departamento de História do Colégio D. Pedro II**. N° 06 – Março,

2006. PEREIRA, Amauri Mendes. **África**: para abandonar estereótipos e distorções. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Fragmentos de um discurso sobre afetividade**. Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2006.

_____. **Saberes e fazeres, v.3: modos de interagir** / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.